

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 27 DE JULHO DE 1862.

N. 12.

O PACAJÁ.

Com este n.º expira o primeiro trimestre da publicação deste periodico.

Não nos temos até hoje poupado a esforços para tornal-o digno das sympathias do publico.

Se o não temos conseguido tão amplamente como o desejava-mos, resta-nos ao menos a saptisfação de tudo termos feito nesse sentido ainda que com pouco resultado.

Temos robusta fé de que se nos não abandonar o benevolo apoio do publico, e a collaboração de nossos jovens amigos, conseguiremos eleva-lo a esse gráo de interesse que até hoje não lhe temos podido dar.

Os homens de bronze.

(Fragmento.)

- I. Tipo. -

Quando insulta a deshonra,
Quando a miseria a causou;
Quando encenso a infamia,
Quando o outro a desfarçou.

(Sanchez)

Horriavel é o quadro que tento descrever ! vacila-me a penna na mão, uma multidão de ideas tumultuosas obscurece-me a mente !.

Terrivel é descrever o seculo XIX com todas as suas calamidades, a estação materialista, onde é tudo o ouro, que faz esquecer os mais sagrados dotes do coração.

Esta quadra desmoralisada e corrupta em que nos achamos, onde pululão os vicios como espectros disformes, em noite

de negrumes, é o preludio talvez de um grande cataclysmo.

Os homens cobertos com o manto hediondo da hypocrisia, envenenão com a baba peçonhenta de seus vicios tudo o que ha de sagrado na sociedade, e a corrupção lavra nos seus elementos mais puros.

Com o bisturil da sã razão vamos aprofundar uma de suas mriores chagas-a prostituição.

Hontem eras a virgem pudibunda e casta que caminhava incauta sobre flores da virtude ; ornavate a fronte mimosa grinalda de virgem...mas, hoje, qual outra Marion, cobrem-te mil opprobrios, caminhas na estrada dos vicios !

Eras hontem o branco lyrio que bafejado pela brisa amena da virtude exhalava seus perfumes de castidade e sentimento, e eu admirava-te, contemplava-te em tanta pureza, e bella como essas madonas de Rafael... Porem hoje ?

Hoje ? ... a serpente maldita e invejosa arroujou-se a teu colo virgineo, despojou-te de tuas grinalda de virgem e arrojou-te barbara e cruel no lodaçal da prostituição, coberta a alma de vicios !

Oh ! meu Deos, e não tendes vós raios de colera, de justiça para fulminar a vibora damnada que transformou em lama aquelle diamante que havieis criado ?

Ou dorme a vossa justiça para mais tarde despertar com raios e relampagos ? Oh ! sim ; eu o creio, ella despertará, e seu despertar será terrivel, como as convulsões do universo.

Entretanto a vibora ahi vai, o impio coberto com o manto da hypocrisa, novas victimas procurando.

Vede ... contemplai, se podeis aquelle miseravel que caminha de fronte erguida porque não cora de suas ações, porque

debaixo da enca phinionomia sabe occultar os remores que lhe remorde a consciencia....

Não vêdes como o acolhe a sociedade com o sorriso nos labios? e porque? por que tem ciro, porque seu brilho occulta o ne grume de seus vicios! Horriavel sociedade!

Voltaí os olhos desse quadro que vos causa nojo, e vêde ali aquella familia em lucto, porque succumbio seu chefe ao pezo da vergonha! vêde a desolação em que vive aquella desgraçada mai, ferida no mais intimo de seu coração, na mais preciosa de suas affeições!... Mais alem contemplai o quadro da miseria, com todas as suas horriaveis peripecias... vêdes nas orgias do lupanar aquella fronte pallida; só conta dezoito primaveras e no entanto já motre de abatimento... contemplai, não a conheceis? é provavel que não: mudarão-se-lhe as qualidades da alma, forão-se tambem os traços de sentimento de sua frente, seus modos transformarão-se.

Pois bem aquella que ali vedes toda coberta de vicios, outr'ora foi bella, teve uma affeição sagrada, foi adorada de um pai extremoso, o prazer de uma mai terna.

Apareceu-lhe o miseravel, cobria-o o manto da hypocrisia; ella tinha os olhos vendados pela innocencia, e não pode conhecê-lo; amou-o com todo o fogo da pureza, então a vibera vio quo a linha preza nas suas garras, e arroja-se a ella, arranea-lhe a capella de virgem, corrompe-lhe o coração, e arremeça-a no lodaçal da prostituição, nesse inferno, donde mais tarde sahirá para morrer n'um hospital, quando murcha a sua belleza, desprezarem-na aquelles que ella tem corrompido tambem, e for obrigado a mendigar o pão negro da miseria,!

Triste! triste! é um tal quadro.

E esse homem, esse monstro, que cuspio a deshonra nas cans geladas do inermecão, que o pricipitou no sepulchro sem piedade, esse miseravel que illudiu a donzella e transformou-a n'uma vil prostituta que encheu de peniveis angustias o coração terno de mãe extremosa, esse hypocrita miseravel, recebe-o a sociedade com um sorriso de prazer!

E ella caminha, devastador da honestidade, coberto com o manto da hypocrisia, sociando seus torpes almejos, sem achar em seu caminho paradeiro que o detenha.

Sim, caminha, miseravel!

Mas attende bem, a justiça de Deos é inexoravel e ella te aguarda o futuro.

As lagrimas que tens feito correr são anjos que bradão, que pedem fervorosos o teu castigo ao imperturbavel Juiz que tudo observe com a luz de sua sabedoria infinita.

Juvita. D.

A ROSA MURCHA.

Nestas salas onde ha pouco reinava extrema alegria, onde o ritornello da valsa fazia palpitar apressados mil corações amourosos, quem esqueceu-te mimosa rainha das flores, orgulho e prazer do prado, encantadora roza?

Qual a donzella impiedosa que despojou-te de tuas galas tão frescas, de tuas petalas viçosas e perfumadas?

Ciosa, vira ella na tua belleza uma rival; ou testemunho d'um amor trahido, cras tu uma viva reprobção de sua inconstancia, de sua infidelidade?

Quem sabe?

As vezes o mais insignificante objecto resume em si grandes cousas, ideias elevadas, factos compungentes!

Quem sabe se, testemunho d'uma affeição sagrada, foste arrojada com desprezo ao chão, mal desaparecerão da mente da donzella as impressões primeiras quo essa affeição causára?

Pode ser!

Entretanto estás murcha, algumas de tuas petalas rolão dispersas por esta sala, onde a pouco habitára o prazer com seu cortejo de loucuras, e de dores tambem.

Qual foi a mão que trouxe-te para aqui, e que abandonada deixou-te, sem mais cuidado n'este sala deserta?.....

Eu vejo que já foste querida, guardada como um thesouro, como uma expressão de ventura.

E quem sabe, se não resumes em ti uma desgraça medonha, se não és a expressão unica de uma dôr cruel?

Talvez.

Mas eu só vejo em ti a imagem do meu destino, desse destino que me tem sido tão cruel. Já tive como tu viço e frescor, já minh'alma foi bafejada do zephíro da ventura. . . já ledas esperanças embalarão-me o coração no regaço do amor, e hoje tudo é secco, tudo é mudo como essas tuas petalas que rolão dispersas pelo pó da sala!

Oh! como nossos destinos se conformão!

Tu já foste bella--orgulho do jardim--já foste amada e querida e hoje rolas desprezada no pó da sala. Assim tambem já fui, e vivo tambem agora curtilindo angustias no peito, no meio do abandono, e só vivendo do pungir acerbo da recordação de minhas passadas venturas.

Tu murecha, despida de teus encantos.

Eu murecho nas minhas esperanças, despido de minhas alegrias.

Es pois, ó rosa, assim murecha e abandonada, a mais perfeita imagem do meu destino!

Desterro, Julho de 1862.

J. E.

SYMPATHIA

PAGINAS ROMANTICAS.

(Continuação do n. 11.)

Não direi as alegrias e as lagrimas, os arrebatamentos e o abatimento, as angustias e as esperanças de Virginita; isto acharia lugar em um romance em 2 volumes em 8.º, mas meus limites são restrictos, e não posso dar-me á *furitivas*. Bastar-me-ha dizer que o elemento doloroso ia *crescendo* á custa do elemento alegre; com effeito, a razão dizia todos os dias mais claramente a Virginita que ella havia cedido a uma paixão chimerica que não podia deixar de desolar seus dias. Parece, di-lo-hei de passagem, que a razão representava aqui um papel suffi-

entemente ridiculo como lhe acontece algumas vezes; não lhe seria mais convenientemente prevenir essa paixão, do que procurar vencel-a depois de ter lançado razizes no coração da pobre moça?

Mas passemos de novo os mares, e vamos encontrar nosso amigo Heitor; talvez que esta viagem seja util ao desenlace de nossa narração.

Approximava-se o inverno, e começavam os bailes. Mm. Estubal deu um serão esplendido a que foram convidados a mór parte dos homens eminentes da litteratura e das artes: Heitor entrou nesse numero. Entre duas contradanças, para evitar o calor que começava a suffocar, elle passou para uma sala visinha, onde a multidão era menos consideravel. Apenas entrou, parou immovel de admiração defronte de um retrato em pé, de grandeza natural. Era uma moça vestida de branco; tinha cabellos castanhos, delicados e semelhantes á seda, testa alva de alabastro, sobranceilhas arqueadas e da côr de seus cabellos, pestanas pretas, e olhos. ah! olhos. O pintor para fazelos tinha tomado em uma mão apalhetta do Murillo e na outra o pincel de Raphael. Heitor notou tambem um pé incomparavel, contido em delicado borzeguim; mas deixou o pé pelos olhos, e esses olhos do retrato disseram-lhe uma quantidade de cousas que nunca olhos roaes, o tinham feito suspeitar. Deste momento Heitor comprehendeu a vida, teve a certeza que havia no mundo uma mulher a quem podia amar. Que admiravel descoberta! Eu compararia voluntariamente sua alegria, se não aborrecesse as comparações, a de Robinson quando descobriu em sua ilha vestígios de pé humano. Elle não estava só. Uma criatura de sua especie se lhe revelava! Entretanto, a reflexão, que muda muitas vezes as nossas alegrias em trizezas, disse a Heitor « Mas se esta pessoa não estiver livre? Se ella achou alguém que lhe tenha agradado. . . . » « Eu não a encontrei, » respondeu Heitor impacientado. Depois, procurou a dona da casa, supplicou-lhe que lhe concedesse uma contradança, e, tendo bem meditado, acabou por perguntar-lhe, quasi

tremendo, de quem era o retrato que vira.

--Ah! vós o viste? é uma pessoa encantadora, não é assim? Veio de bem longe; é o retrato de Mlle. Virginita Kohler, de Pondichery.

--Mademoiselle, dissestes?

--Sim mademoiselle, donzella casadeira; é pena que estejamos tão longe, seria um bello casamento para vós, ainda que sois tão difficil ao menos pelo que dizem

--Oh! senhora

Não disse mais. Isto queria dizer: «Esta não se parece com nenhuma outra.» Neste ponto, Heitor reconduziu seu par, porque a quadrilha estava terminada e passou de novo á sala vizinha, elhou de novo para o retrato, que lhe pareceu ainda mais bello; considerando-o, confirmou-se na resolução que acabava de tomar, e sahio. Entrando em sua casa, deu ordem que se preparassem suas malas, dispôz seus papeis, escreveu algumas cartas, e, ao amanhecer, partiu para o Havre, onde embarcou-se quasi logo para as Indas.

A viagem foi feliz, e a 20 de maio de 1834 o navio dava fundo em Pondichery.

Heitor ficou embaraçado pela personagem que ia representar nos primeiros momentos de sua estada na cidade. Como apresentar-se a Mlle. Kohler? Em sua pressa havia se esquecido de munir-se de cartas de recommendação. Não queria que a aventura tomasse maior caracter de romance; tinha repugnancia por tanto aos grandes meios que os heróes destas especies de obras tem sempre a sua disposições. Informou-se dos habitos de M. Kohler, e soube que elle passava muitas vezes suas noites em um circulo a que eram admittidos os estrangeiros. . . . Nessa mesma noite Heitor foi ao circulo. Já havia gente, e quando entrou, a attenção geral se dirigiu para elle; soube-se logo quem era, e seu nome circulou de bocca em bocca.

--Heitor Lecomte, dizeis vós? exclamou um homem de cincoenta annos, de figura honesta e maneiras francas.

--Sim, lhe disseram, um francez que chegou hontem.

Heitor tinha ouvido pronunciar seu no-

me, e aproximava-se do grupo donde a voz partira. O homem de cincoenta annos deu dous passos para elle:

--Desculpai-me, senhor, disse-lhe, vosso nome me admirou: ha mais de seis mezes que elle fere meus olhos e meus ouvidos.

--Como pode isso ser, senhor? perguntou-lhe Heitor. Tenho poucos negocios, e devo ser desconhecido neste paiz.

--Não sois o author de um volume de poesias.

--E' verdade, senhor.

--Pois ahí está o segredo! Vosso livro foi mandado de Pariz a minha filha por Mme. Estubal.

--Por Mme. Estubal?

--Sim; vós a conheceis? E minha filha. . . .

--Vossa filha, senhor, Mlle. Virginita?

--Ah! sabeis seu nome?

--Sois M. Kohler? Um momento de conversação só por só, se fazeis favor.

Dizendo isto, arrastou o honrado allemão para uma sala distante.

--Senhor, continuou; julgar-me-heis provavelmente bem louco quando souberdes o que me traz a Pondichery; mas desculpar-me-heis; pareceis bom, senhor, e não me repellireis. . . .

(Continua)

Chronica.

Por mais de uma vez me tenho visto em talasno desempenho desta tarefa de chronista, e tenho dado ao demo semelhante officio em razão da falta absoluta de acontecimentos, que por vezes tenho soffrido, para dar chronica aos leitores.

Hoje, felizmente, não nos achamos em tal situação. Temos assumptos de sobra, e pegamos com certo gosto na penna.

Principiemos pelo theatro, que mais lesto anda agora nas suas representações.

Subio á scena no dia 12 o muito conhecido drama do Sr. Mendes Leal, intitulado *Os Dous Renegados*,

Sempre applaudido do publico pelo seu

reconhecido merito, prolixo fora expender-mos sobre elle nosso humilde pensar.

Houverão-se no seu desempenho os nossos curiosos artistas com a costumada habilidade e feliz successo.

Oxalá que sempre assim continuem, e que já mais os faça retrogradar o desanimo ou o demonio da discordia, esses dous caneros incuraveis que tornão tão impossivel o espirito de associação, matando todas sociedades.

Na noite de domingo de 13 do corrente eu e um amigo, apesar do vento e chuva que cahia dirigimo-nos ao trapiche d'alfandega (não direi para o que) e sentados sobre um dos bancos vimos dois vultos que conversavão. Pela voz pudemos reconhecer que erão dous amigos nossos, e para elles dirigimo-nos.

Era assumpto da conversa o máo tempo que fazia, e que não tinha permitido haver naquelle dia a regata para que estavão preparados estes dous apaixonados de marítimas diversões.

Foi uma decepção, na verdade, cruel para quem como vocês contava hoje fruir as delicias de um baile e loiros de victoria talvez, dissemos-lhes e nos retiramos.

Não tiverão muito tempo de se lastimar da decepção sofrida os apaixonados socios da regata, porque no outro dia rompendo as nuvens que forravão o céu, espalhou o rei brilhante da luz seus raios vivificantes sobre a terra, e com elles todos dous da esperança.

Dizem-nos que foi brilhante o divertimento. Muita affluencia de povo no ponto das corridas, e a melhor ordem e regularidade em tudo. Especialmente o baile, onde primarão os DANDIS no galanteio, contão-nos que foi esplendido. Contão, nos, sim, que não podemos apreciar taes divertimentos, em razão de um forte incommodo, que logo em tal dia nos reteve em casa.

O distincto poeta brasileiro o Sr. Bruno Seabra, author do bello romance PAULO, a caba de enriquecer a litteratura patria com a publicação de suas mimosas poesias.

Flores e Fructos é o titulo que lhes deo.

Enthusiastas do progresso pela intelligencia enche-se-nos o coração de gratas emoções sempre que temos conhecimento de factos semelhantes, e do meio da nossa obscuridade saudamos com respeito essas frentes circundadas da aureola da intelligencia, que affrontando o positivismo da epocha cultivão essa arte tão bella e tão amena que immortalisou Virgilio, e tantos outros.

Não podemos resistir ao dezejo de apresentar a nossos leitores algumas dessas mimosas Flores, que rescendem um perfume suave de sentimento, que captiva o coração.

DORMINDO.

Dormia ! que sonho ! que doce dormir !
Palpita-lhe o seio, pausado ... de leve !
A bocca entre-aberta ... que dentes de neve !
Dos labios, a furto, lhe deix' surgir !

Involta, sem arte, na branca roupagem
As formas realça do corpo gentil !
Em sonhos desceora ... que pallida imagem !
Depois estremece ... que semno febril !

Suspira ... boceja ... murmura ... sorri !
Exhalão seus labios o prumo do mundo,
- Sim ! amo-te, disse, eu amo-te, ó barba !
Ancinos te e o peito co' as mãos comprime !

Arqueja ... soluça ... e um novo bocejo
Espalha o aroma do nardo em redor !
Desperta ... em meus braços ... furta-lhe um beijo
Ninguém ni' o condemne que o réo for amor !

RETRACTAÇÃO.

Aqui me tens ; aqui venho
Dizer-te que ainda tenho
Muito amor no coração ;
Aqui estou arrependido
Cahido a teus pés, cahido
Implorando-te o perdão -
Perdia-se eu dividida ! ...
Salve Deus se eu duvidava ;
Se lá do peito no interior
O coração ignorava
As palavras que saíste,
Ou se eu estava no inferno
Ou o inferno todo em mi !
Se eu receiava dos homens
Ou duvidava de ti ? !
Os homens ? ! traidoras todos !
E cada qual se presume
Com direito de agardar !
E quando vai não reflecte

Que às vezes pôde o crime,
Pode o crime matar!
Ai, não era eu no inferno,
Era o inferno todo em mim,
Eu receava dos homens,
São todos elles assim!

Eu sei que fui arrojado,
Vilão, traidor e covarde,
Que fingi e fiz alarde
Do meu fingimento usado!
Mas... soffri... olha-me o rosto
E o meu livro do passado!

Depois do verso vir prosa fora massada
de mão gosto; portanto faço ponto.

Boa-noite.

POESIAS.

O meu sonhar.

Lá foi-se o meu sonhar de amôres puros
Tão breve como a briza matulina;
Lá foi-se como a rosa, que esfolhada
Não mais se vê na fonte cristalina.

Foi leve como a penna despregada
Do collo de alvo cysne, solta ao vento,
Rojada do tufão ao pó mesquinho,
Perdida no rolar do chão poento.

Que importa, se me deu uma esperança
Na illusão desse instante de ventura?
Que importa que eu depois tocasse a taça
Do fel, nesses momentos de loucura?

N.

Oh! vem.

Quem eras mulher divina,
O anjo dos sonhos meus,
Formosura peregrina,
Centelha dos dons de Deus?
Quem eras que me inspiraste
Tanto amor e me deixaste
Tormentos mil a soffrer;
Quem eras que n'um momento
Me prendeste o pensamento,
E não tornei mais a vêr?

Eras da cõrte celeste
Anjo que á terra baixou;
Serafim que te perdeste
No mundo que t'encantou?....
Prodigio de formosura,
Meu ideal da ternura,
Diz-me quem és, onde estás!
Eu gemo, eu soffro em delirio
Tem pena do meu martyrio
Ouve do peito estes ais.

Oh! minh'alma se consome
N'um louco, vão dezejar...
Quero saber o teu nome,
Quero este amor saciar....
Não ha na terra belleza,
Nada tem a natureza
Que possa já me alegrar!..
Ser-me-ha a vida um deserto
De mil horrores coberto
Se inda uma vez não te achar!

Mulher, ou anjo, ou deidade
Quem quer que sejas oh! vem!
Do amor á claridade
Voemos por ceos além!...
E' sublime a natureza
E em toda sua grandeza,
Falla doce ao coração...
Da natureza aos primores
Unamos nossos amores
A Deos em santa oblação.

Seja a natura, o universo
O templo de nesso amor,
Que em taes venturas immerso
Será um hymno ao Senhor,
Livres voemos sem pena,
Sem cuidos á stancia amena
Da ventura, ao ideal,
Que co' o premio dezejado
Será nosso amor er'oadado
Pe'lo Senhor lá no val.

Desterro, Julho de 62.

Elysio.



RISO DA YIRUEM.

O riso que deste
De um anjo parece
Ou quando florece
No prado a flôr.
Teus labios disião ,
Sosinho , esprimião
Segredos de amor

Abranda man! ã
Mais gallas não tem ,
Nem mesmo a ceem
Do que esse surrir ,
Que encanto embebece
Eao peito offrece
De amor o sentir

E' riso bem terno
De grande magia,
De terna harmonia
Que faz encantar.
O' linda Zizina
Teu rizo fascinas ,
Obriga a te amar !

Desterro 23 de Julho 62

Juvita

Gemidos.

N'este mundo de prantos e dôres ,
Infeliz, o que posso esperar ?
--Só que a morte me venha findar
Esta vida de tantos horrores.

Em meo peito já bate pausado ,
Este meu coração infeliz ;
O que posso do mundo feliz,
Esperar, eu que sou desgraçado?

Os meus sonhos que outr'ora sonhava,
Que erão sonhos dos anjos do céu,
Lá se forão quebrar no esc arcéo
Que de longe sorrindo me estava.

E agora que sou desgraçado
Não me importa que o mundo sorria;
Não me importa que tenha alegria
A avesinha no seu retrinado.

Não me importa que em pranto desfeito
Cante a rola seus tristes amores ;
Não me importa do prado os verdores
Se está arido e ermo meu peito.

Não me importa que a brisa mimesa
Embalanee a florinha do prado ,
Ou que seja seu pé derrubado
Pelo vento na quadra invernosã.

Não me importa que a vida se alento
Ou que a morte me esteja a chegar,
Pois com *ella* não posso gosar
Os praseres que tive na mente.

Eu sonhava cantar meos amores ,
Quando a lyra contente tomei ;
Eu sonhava cantar. . . já cantei
Não prareres porem dissabores.

Em meu peito já bate cansado
Este meo coração infeliz ;
O que posso do mundo feliz
Esperar eu que sou desgraçado.

Desterro, Julho de 1862.

J. E.

PENSAMENTOS.

Mulher que chora quer ser consolada , e
da consolação á ventura vão poucos kilo-
metros .

ED. LEMOINET.

As mulheres aprenderam a chorar para
mentir melhor .

PUBLIO SCYRO.

De um macaco e de um papagaio se fer-
ma um homem tolo.

FENELON.

A hypocrisia é uma homenagem que ovi-
cio rende á virtude.

O sol e a morte não se pode encarar fixa-
mente,

La Rochefoucauld.

Muitas vezes vemos nos sonhos , a mulher que nos aparece sob figura de anjo, porrem é como Lucifer debaixo da figura de serpente.

Tavijh.

VARIÉDADE.

SIGNIFICAÇÃO DE ALGUNS NOMES DE SENHORA.

Anna, ou *Annak* : do hebreu, quer dizer *Favorecida*.

Branca : nome francez, que quer dizer *Formosa*.

Catharina : do grego, quer dizer *Pura*.

Clara: nome latino , que pode ter sido dado a *uma bella em côr*, ou de *sangue illustre e nobre*.

Dorothéa : grego , que quer dizer *Dom de Deos*.

Hellena : tirado do grego, *belleza da Grecia*, com a derivação do antigo nome deste paiz que se chamava *Helles*.

Ignéz : deriva-se do grego; e quer dizer *Casta*.

Izabel ; Hebraico , quer diser *Juramento de Deos*.

Joanna: assim como *Jano* foi designado, por auctores, como o sol , assim este nome fememino pode designar *Bella como a Lua*.

Luzia do latim *Lucidas*, e synonymo talvez de *Clara e Branca*. O nome de *Lucia* por certo que é o mesmo em sentido.

Lydia : nome asiatico, que bem, provavelmente quer dizer de *Notavèl Belleza*.

Margarida : do grego quer dizer *Percolla*.

Martha: nome syriaco quer dizer *Mãe de Familia*.

Prescillia quer dizer *Pequenina Veilha*.

Rebeca : do hebraico, quer dizer *Gordinha*.

Rozza: garbosa como a flor d'este nome.

Sarah : do hebraico , diz *Prinzeza*.

Sofia nome grego, quer dizer *Prudente*

Suzana : hebraico quer dizer *Lirio*.

GHARADAS.

Das sete a terceira -- 1

Igreja primeira -- 1

Alegre estive -- 1

Sem luz não vive -- 1

A todos alumia -- 2

Adeus a imploramos

E á virgem Maria.

E' de ferro ou páo -- 1

Claro não é -- 2

Tambem canta

O Libera mé.

E' de páo -- 2

E d'agua é -- 2

« Tambem canta

« O Libera mé. »

Declarações.

S. D. P.

Juvenil catharinense.

Do ordem da Directoria participo aos senhores socios que as recitas que d'hora em diante tencionar-mos dar, terão lugar no Theatro de São Pedro d'Alcantara, outr'hora em casa do Illm. Sr. Manoel Marques Guimarães , a quem a Directoria cordialmente agradece as maneiras attentiosas porque sempre se dignou tratar-nos.

O Secretario.

Candido Melchhiades de Souza.

As reclamações bem como qualquer artigo, pra O PACAJA' devem ser dirigidos a esta Typographia.

Typographia Catharinense
de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta
N. 23. — 1862.